

Histórias, tradições e pensar matemática

Ilan Carlos Santos de Carvalho

Jequié, Bahia, Brasil

ilancarlos678@gmail.com

Mestrando em Educação em Ciências e Matemática

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

<https://orcid.org/0009-0003-1558-6075>

No velho ônibus intermunicipal que circulava pelo interior da Bahia, eu fazia a mesma rota que anos antes era feita com muito mais frequência. As janelas emperradas não abriam e o ar condicionado não funcionava, mesmo depois de tanto tempo, nada havia mudado. Em algum lugar ao fundo, um senhor falava ao telefone e todos na condução escutavam mesmo sem querer: “Chico, tô passando no posto, daqui uns 10 minutos chego na rodoviária... tá nada, a coluna volta e meia enteva... Ah, mas não aguento ficar parado, cê já me conhece...”.

Só o fato de haver sinal indicava que o destino estava perto, e poucos minutos depois eu desembarcava na velha rodoviária. Ela continuava igual ao que me lembrava, o cheiro ruim dos banheiros por toda parte, cadeiras quebradas e o ar seco em razão da época do ano. Beirava às 17:30 da tarde e minha única bagagem era uma bolsa lateral, não queria ir direto pra casa dos meus pais, então, chamei um táxi e me desloquei para a velha pracinha. Era primeiro de junho, e todo mundo na cidade sabia o que isso significava. Naquele dia se iniciavam os festejos do padroeiro, Santo Antônio.

Chegando naquela praça, nostalgias se reviraram dentro de mim, tudo parecia igual: bandeirolas coloridas recobriam toda a frente da igreja, barraquinhas de comidas por todos os lados, o mastro enfeitado de flores e com a foto do santo já estava cheio de nomes de pessoas escritos. A tradição todos também conheciam, escreviam o nome e giravam em torno do mastro 13 vezes para pedir um casamento.



Pelo horário, a praça ainda estava vazia, os únicos que caminhavam por ali eram Seu Miguel¹ e os festeiros, o grupo que ficava responsável pela organização da festa. Seu Miguel era o velho cordelista da cidade, era adorado por todos e tinha história pra tudo, quando me viu abriu logo um sorriso:

- Meu filho!! Tá diferente demais... fazia tempo que não vinha visitar a gente, tem feito o que pela cidade grande?

- Fala Seu Miguel, é a correria, eu estava estudando pra ser professor de matemática. Já formei, mas continuo estudando - respondi com o mesmo sorriso.

- Coisa boa! De conta eu nunca fui muito bom, mas gosto de matemática desde sempre, dos desafios, de pensar nela atravessando a gente, mesmo quando não tem número envolvido...

Eu olhava pra ele curioso, sempre foi muito de filosofar e eu adorava ouvir as histórias que contava em seus cordéis.

- Como assim, seu Miguel?

- (...) *Pra fazer as bandeirolas*

Se juntava a moçada

Em riso, aquela praça

logo era enfeitada,

entre cola, cor e pano

A união era encontrada.

Mas o tempo foi correndo

E mudou a meninada

Já não vinha tanta gente

Pra deixar a praça ornada

Em mais trabalho e tempo

¹ Os nomes utilizados na crônica são meramente fictícios e foram empregados apenas para fins narrativos.

e-Alm. EMT-BR, Salvador-BA, Brasil, v. 2026, n. 1, e108026, 2026.



DOI: <https://doi.org/10.64193/eAlmEMT-BR.2026-e108026>

Se findava a empreitada (...)

- Percebe como tem matemática? Antes a gente tinha uma tradição maior, muita gente ajudava, o serviço acabava num pulo. Hoje? Menos gente significa mais trabalho em mais tempo.

Ele não havia mudado em nada, sempre tinha um verso na ponta da língua pra contar alguma história. Enquanto conversávamos, pessoas passavam com bandejas de bolos, caldos, farofas e uma série de comidas que perfumavam todo o ambiente.

- Eita que eu estava com saudade dessa comida daqui! Será que continua com o mesmo sabor de antes, Seu Miguel?

- O sabor com certeza é o mesmo, só o preço que inflou, meu filho.

- E tá tão caro assim? - eu perguntava curioso.

- Ah, ainda mais aqui no trezenário de Santo Antônio! Aqui e na festa de Santa Rita é tudo mais caro, né? Se comparar com as festas dos padroeiros de outros bairros você percebe a diferença.

Isso era verdade, me lembro quando criança que minha mãe me dava o dinheiro trocadinho pra gastar nas barraquinhas e como era diferente o poder de compra nos vários festejos.

- Eu só não posso ficar sem comer meu bolo! Quando menino eu amava aquele pedaço cheio de chocolate, Seu Miguel.

- Pois o pedaço vai ficar pra próxima, só vai achar uma fatia fininha por aqui. - me respondia ele.

- Então estão fazendo uma quantidade maior, né?

- Que nada, o mesmo bolo de antes hoje serve mais gente.

O sol já se escondia e as primeiras beatas começavam a chegar para a missa. Pelo menos isso não havia mudado, elas sempre chegavam bem antes do início da celebração. Já se via também o movimento dos coroinhas e ministros preparando tudo, em poucos

minutos tudo estaria lotado. Toda a cidade ansiava pelo trezenário, ou melhor, pelo forró que sempre vinha depois.

- Hoje a praça lota - eu comentava com meu velho amigo.
- Isso é fato, meu filho! Gosto daqui por isso. E por ser o padroeiro da cidade,

vem gente de todo tipo, diferente da novena de Santa Rita.

Seu Miguel me contava sobre como todo mundo sabia o roteiro quando chegava maio: Primeiro vinha a festa de Santa Rita, em seguida, em junho começava Santo Antônio e logo depois tinham os forrós de São João. Dizia ele que os nove dias de festa sempre reuniram as pessoas com mais dinheiro, era notório já que ficava em um bairro rico da cidade. O povo chegava bem vestido, sapato engraxado, perfume forte e fala mansa. No ofertório? os valores disparavam na frente. Já no trezenário de Santo Antônio apareciam mais feirantes, costureiras e sanfoneiros. Depois da celebração então... quando começava o forró era menino correndo, turista perdido, evangélico e rezadeira comendo milho, beata dançando forró escondido e até quem dizia não acreditar em santo algum aparecia pela praça.

O velho ria antes de continuar:

- E eu, sentado num banco, ficava reparando no pessoal e suas divisões. Dizia pra mim mesmo: aquele ali é do povo da igreja; aquele é do forró; aquele é dos ricos da avenida; aquele é ambulante. Mas quando a sanfona começava, meu filho, era todo mundo no mesmo conjunto.

O badalar dos sinos interrompia seu Miguel e anunciava que a missa iria começar. Ele já se punha de pé indo procurar um lugar dentro da igreja para se acomodar. Eu ficaria por ali mesmo e esperaria até o fim, quando começaria a dança, música, os repentis.

- Vou indo, meu filho! Encontro você a qualquer hora por aí. E agora que já é professor, vai poder usar minhas histórias nas suas aulas também.
- Mas Seu Miguel, sou professor de matemática. - Lhe respondia confuso.



- E já esqueceu o que lhe falei? Te dei um prato cheio sobre como matemática aparece nas histórias das nossas vidas, rapaz. Não vê? Quando digo que antes com mais pessoas se enfeitava uma praça mais rápido, é como se fosse uma correspondência, precisa de um certo número de pessoas pra decorar uma praça. E se diminui as pessoas, precisamos de mais tempo.

Conforme ele ia falando, as peças começavam a se encaixar na minha cabeça e tudo começava a fazer mais sentido.

- Quando falo das diferenças dos preços, isso é um tipo de comparação. Quando colocamos nas histórias diferentes pessoas em grupos sociais, a gente classifica também, né? Ou quando discutimos quem se inclui nesses conjuntos. E digo mais, quando a gente coloca na sequência cada festejo de cada santo - ele olhava nos meus olhos e ria pois eu estava de queixo caído - Oh meu querido, até seu bolo entra nessa, quando um mesmo bolo que nem aumenta a sua quantidade começa a servir mais pessoas tem uma conservação no meio. Tudo isso é fazer matemática, jovem!

- Caramba, Seu Miguel, o senhor é um gênio!

Sua gargalhada percorria o ar em resposta:

- *De gênio e sabido
o mundão já tá lotado,
eu sou mesmo é vivido
tenho história adoidado
e te digo em respeito
como carrego no peito
Do meu povo, um legado.*

Histórias, tradições e pensar matemática

Stories, Traditions, and Thinking Mathematics

Historias, tradiciones y pensar la matemática

Resumo

Por muitas vezes reduzimos a matemática a números e operações, não considerando todas as vezes que ela atravessa nosso cotidiano. Quando estamos aprendendo, processos mentais são mobilizados para que haja rupturas epistemológicas, dentre os diversos, é possível citar a correspondência, comparação, classificação, sequenciamento, inclusão e até conservação. Nesta crônica, narro sobre como estes processos, imbricados a contação de histórias podem estar presentes nas tradições de um povo e ser utilizadas em aulas de Matemática. Ao revisitar festejos populares, cordéis e memórias, evidencio como as tradições carregam saberes produzidos coletivamente e perpetuados pelas vivências culturais de uma comunidade.

Palavras-chave: Cultura Popular. Narrativas. Tradição. Contextualização. Pensamento Matemático.

Abstract

We often reduce mathematics to numbers and operations, failing to consider the many ways it intersects with our daily lives. When we are learning, mental processes are mobilized to create epistemological ruptures; among these, it is possible to mention correspondence, comparison, classification, sequencing, inclusion, and even conservation. In this chronicle, I narrate how these processes, interwoven with storytelling, can be present in a people's traditions and be used in Mathematics classes. By revisiting popular festivals, cordel literature, and memories, I highlight how traditions carry knowledge produced collectively and perpetuated through a community's cultural experiences.

Keywords: Popular Culture. Narratives. Tradition. Contextualization. Mathematical Thinking.

Resumen

A menudo reducimos las matemáticas a números y operaciones, sin considerar todas las veces que atraviesan nuestra vida cotidiana. Cuando estamos aprendiendo, se movilizan procesos mentales para que se produzcan rupturas epistemológicas; entre los diversos procesos, se pueden citar la correspondencia, la comparación, la clasificación, la secuenciación, la inclusión e incluso la conservación. En esta crónica, narro cómo estos procesos, imbricados con la narración de historias, pueden estar presentes en las tradiciones de un pueblo y ser utilizados en las clases de Matemáticas. Al revisitar festejos populares, cordeles y memorias, evidencio cómo las tradiciones portan saberes producidos colectivamente y perpetuados por las vivencias culturales de una comunidad.

Palabras clave: Cultura Popular. Narrativas. Tradición. Contextualización. Pensamiento Matemático.

